Congresso dos EUA suspeita de visita brasileira a Los Álamos

Rosental Calmon Alves

WASHINGTON — Investigações realizadas pelo congresso dos Estados Unidos levantam suspeitas sobre as intenções de 19 brasileiros e outros estrangeiros que visitaram um dos mais importantes laboratórios americanos de desenvolvimento e fabricação de armas nucleares, gerando severas críticas sobre o relacionamento da segurança em instalações secretas do país. A denúncia, feita ontem, indica que cerca de 1 mil estrangeiros por ano, inclusive de países do bloco comunista, têm visitado laboratórios que deveriam ser guardados debaixo do maior segredo, na opinião dos parlamentares.

O presidente da comissão de assuntos governamentais, senador John Glenn, declarou, dramaticamente, que as denúncias feitas ontem "podem ser apenas a ponta de um monstruoso *iceberg*" em matéria de vazamento de informações confidenciais sobre a construção de armamentos nucleares e outros dados estratégicos. Já em 1979, o ex-astronauta Glenn tinha armado um grande escândalo ao denunciar que a biblioteca do laboratório de Los Álamos, no Novo México, tinha se apressado em tornar públicos documentos sobre a construção da bomba atômica e de mísseis nucleares que permitiriam a países estrangeiros simplesmente copiar a tecnologia.

Agora, o que os investigadores do congresso descobriram é que o mesmo laboratório de Los Álamos, o mais antigo e mais ativo no país no desenvolvimento e fabricação de armas nucleares, está recebendo numerosos visitantes estrangeiros, sem que a polícia federal (FBI) ou a agência de espionagem (CIA) façam sequer uma investigação sobre eles.

O Laboratório Nacional de Los Álamos é um dos maiores centros de pesquisas de armas nucleares do mundo. Ele nasceu, junto com a bomba atômica, em 1943, como parte do projeto Manhattan, que resultou na fabricação do artefato que destruiu Hiroxima. Hoje, com mais de 3 mil 500 cientistas e outros profissionais em seu quadro de pessoal, Los Álamos está sendo transformado na ponta de lança de uma nova geração de armas. Ali se concentra grande parte do esforço do governo Reagan para a construção do sistema espacial de defesa conhecido como *Guerra nas Estrelas*.

Para sustentar sua advertência de que o país pode estar diante de um grande escândalo de vazamento de informações estratégicas, o republicano Glenn, conhecido por suas posições nacionalistas e conservadoras, citou o "aumento do interesse de visitantes de países estrangeiros de conhecer laboratórios de fabricação de armas nucleares, comparando-se com a década passada". O estudo, que ele mesmo tinha mandado fazer nove anos atrás, indicava, por exemplo, que, nos 25 meses pesquisados de 1977 a 1979, o Brasil tinha mandado apenas três técnicos aos laboratórios de Los Álamos. Entre 86 e 87, contudo, o número de visitantes brasileiros saltou para 19.

A Argentina tinha mandado apenas um visitante em 77-79, mas enviou 14 no segundo período estudado. Os visitantes da Índia que foram a Los Álamos tinham sido apenas 13 no primeiro período e saltaram para 56 no segundo, sem contar outros 93 indianos que estiveram em outros laboratórios estratégicos dos Estados Unidos em 86-87. Israel, que não tinha mandado ninguém no primeiro período, mandou 60 visitantes a Los Álamos em 86-87. A lista inclui ainda a África do Sul e o Paquistão, todos países que os americanos desconfiam estar envolvidos em pesquisas de armas nucleares.

Cnen diz que estudos são para fim pacífico

O presidente da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN), Rex Nazaré Alves, explicou que "a maioria dos brasileiros que esteve no centro de "Los Alamos" foi frequentar cursos patrocinados pela Agência Internacional de Energia Atômica" (AIEA), que proíbe a utilização da energia nuclear para fins não pacíficos.

O diretor da Sociedade Brasileira de Física, Luís Pinguelli Rosa, não está tão tranqüilo. Ele acha que a presença de brasileiros nos centros de desenvolvimento de armas nucleares dos Estados Unidos é mais um indício a aumentar a preocupação dos cientistas brasileiros quanto à utilização da energia nuclear para fins não pacíficos.

O superintendente do Ipen — Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares —, Cláudio Rodrigues, concorda com Nazaré e acredita ser impossível que segredos nucleares dos Estados Unidos, guardados a sete chaves, possam ser devassados por pessoas estranhas.